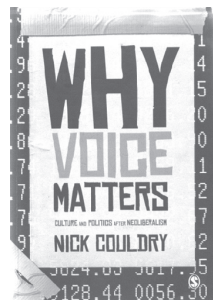


Do ‘direito à voz’ à ‘voz como valor’: cultura e política no neoliberalismo

Marcus Antônio Assis Lima*

COULDRY, NICK. *Why voice matters*. Culture and Politics after Neoliberalism. London: Sage, 2010. 176 p.



Em seu mais recente trabalho, o professor de *Media and Communications* na Universidade de Londres, Nick Couldry, sustenta que vivemos, no mundo contemporâneo, em uma “crise de voz” nos domínios político, econômico e cultural. Segundo ele, os seres humanos são capazes, e efetivamente o fazem, de criar uma “narrativa de si” e do seu lugar no mundo. “Voz” é um termo que pretende demonstrar essa capacidade de se criar uma “narrativa de si” e do mundo, segundo Couldry, mas ter voz nunca é suficiente. O indivíduo precisa saber que sua voz interessa. Na verdade, a oferta de voz eficaz é crucial para a legitimidade das democracias modernas; e mesmo o lado econômico e cultural da vida tem oferecido voz de diversas maneiras. No entanto, temos fomentado usos que favorecem modos de organizar a vida cotidiana de maneiras que ignoram a voz e que assumem que ela não importa.

Para Couldry, um dos aspectos dessa crise é justamente a perda das conexões narrativas que podem ajudar os seres humanos a entenderem muitas das desagregações específicas do mundo contemporâneo. Ele mostra que, embora o “direito à voz” seja persistentemente garantido, especialmente nas mídias, em muitos aspectos ela vem sendo negada ou mesmo tornada ilusória, e as raízes dessas contradições, defende ele, é o neoliberalismo, que nega relevância à voz. O objetivo do professor inglês é refletir sobre essa crise e identificar alguns recursos para se pensar para além dela.

* Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutor em Estudos Linguísticos (UFMG) e mestre em Comunicação e Sociabilidade (UFMG). E-mail: malima@uesb.edu.br.

Couldry utiliza o termo “voz” de uma maneira bastante específica. Ele prefere dividir o conceito em dois níveis: “voz como processo” (de certa maneira, um termo familiar) e “voz como valor”. Por “voz como valor”, Couldry quer referir não apenas ao ato de valorizar, mas, e especialmente, à possibilidade de se poder decidir sobre como operar essa valorização nos quadros contemporâneos (neoliberalismo, ele sempre se esforça em nos lembrar) de organização da vida humana e dos recursos que se dá ao valor da voz (como um processo).

Por que essa distinção é importante? Em que o termo “voz”, usado como o autor sugere, pode adicionar a outros termos como justiça e democracia, ao nos ajudar a pensar em como promover mudanças políticas? A razão, argumenta Couldry, reside em uma situação historicamente delimitada, a um discurso em particular, o neoliberalismo, que se tornou a ideologia hegemônica do mundo contemporâneo, de maneira formal, pragmática, cultural ou mesmo em termos de criatividade. Esse discurso opera com uma visão econômica que desconsidera a voz como algo de importância, além de impor uma visão econômica sobre o político que reduz o “político” ao gerenciamento do funcionamento do mercado.

Em seu livro, Nick Couldry procura ver a crise do neoliberalismo como ela é: uma crise de voz. A economia neoliberal está quebrada, segundo ele, porque dá ao funcionamento dos mercados uma prioridade absoluta sobre o valor da voz, desvalorizando a capacidade dos seres humanos para darem conta de si para além de agentes com fins lucrativos. Com mídias orientadas para o mercado, há pouco espaço para alternativas à visão de mundo neoliberal e, através de suas rotinas de produção, que aceleram o ciclo temporal dos acontecimentos, acaba-se por minar os processos de deliberação dentro dos governos e, por isso mesmo, de uma democracia mais justa.

Nick Couldry oferece “voz” como um termo *conector* que pode contribuir para interromper a visão neoliberal sobre a economia e a vida econômica, transformando o ponto de vista neoliberal e capacitando os seres humanos a construir visões alternativas de política; visões pelo menos parcialmente orientadas para a valorização de processos de voz e do reconhecimento da capacidade das pessoas para a cooperação social baseada na voz.

Assim, ele define voz como a capacidade de criar, e ser reconhecido por criar, narrativas sobre a vida. Para tanto, alguns prin-

cípios mais gerais devem ser estabelecidos: a) A voz é socialmente enraizada; b) A voz é uma forma de agenciamento reflexivo; c) A voz é um processo adquirido; d) A voz requer uma forma material que pode ser individual, coletiva ou distribuída; e) A voz é subestimada pelas racionalidades que não a levam em consideração e por práticas que excluem vozes ou minam formas para sua expressão.

Outro ponto importante na abordagem de Couldry são as relações que ele estabelece entre o termo “voz”, como entendido por ele, e a política. O conceito de “voz” opera tanto dentro quanto vai além da política. O autor começa a partir do entendimento de que a “voz como processo” não é necessariamente política em si mesmo. Isso é importante se se quer um conceito de voz que seja abrangente suficientemente para se conectar com diversos enquadramentos normativos e que possa ser aplicado a variados contextos para além da política formal, seja na esfera econômica, seja na esfera política. O argumento central do livro de Couldry, entretanto, mantém-se orientado para a política em um sentido mais abrangente, como o espaço onde as disputas e as deliberações sobre a alocação dos bens, serviços e valores toma lugar. Essa visão rejeita a visão reducionista do neoliberalismo sobre a política democrática e busca sua superação por uma visão da política como um mecanismo ampliado para a cooperação social, que pode ser resgatada no filósofo pragmático e teórico político norteamericano do início do século passado, John Dewey.

Por “voz como processo”, Couldry quer demonstrar o processo de dar significado à vida de alguém e a suas condições: “dar crédito a alguém”. Dar crédito significa contar uma estória, prover uma narrativa. Não é sempre que qualquer um de nós senta-se pra contar uma história de maneira formal, com começo e fim. Mas, de uma maneira mais geral, uma *narrativa* é um ingrediente básico da ação humana. O que fazemos – para além de uma descrição básica de como nossos membros se movem pelo espaço – também vem envolvido em narrativa, a nossa própria mas as dos outros também. Por isso que negar valor à capacidade de alguém em criar narrativas – negar seu potencial para voz – significa negar uma dimensão básica da natureza humana. Uma forma de vida que sistematicamente nega a voz não deveria apenas ser intolerada, ela deveria ser desconsiderada como cultura, defende Couldry.